

A BATALHA



Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Editor: Alberto Dias

Administrador: Domingos Afonso Ribeiro

Propriedade da COMIS-SÃO INTER-FEDERAL

Sede provisória:

Calçada Castelo Branco Saraiva, 42

Officinas: Rua da Atalaia, 114

Toda a correspondência para o APARTADO

N.º 329 — Lisboa

Número avulso \$30

(AVENÇADO)

DEFINIÇÕES...

Orientação do movimento operário

O Sindicalismo foi por muitos definido e por muitos levado à categoria de movimento, com propósitos sociais seus, definições da sociedade não roubadas a nenhuma ideologia e orientações político-sociais, que com outras nada tinham de comum.

Quere-nos parecer que não estão muito certas essas definições, porque ainda não vimos que qualquer delas tivesse aplicação no movimento operário. Não é, mesmo, mentir, afirmar que essa aplicação não é possível.

E porquê?

Vejamos, primeiro, uma definição do sindicalismo.

Pedro Bernard diz num seu livro recente que o sindicalismo «É um movimento que agrupa, por meio de associações locais, regionais, federais, industriais, nacionais e internacionais, os trabalhadores duma mesma localidade, de uma mesma região, duma profissão, duma indústria, dum mesmo país, do conjunto de todos os países, para a defesa comum dos seus interesses imediatos e futuros, materiais e morais, profissionais e sociais».

No número destes interesses figuram, em primeiro lugar, a transformação da sociedade e a abolição das classes».

Esta definição está certa porque atende, na verdade, à essência do sindicalismo e não vê mais que o trabalhador na função de produtor. Atende, ainda, ao sindicalismo que se definiu — por acção dos seus militantes com ideologia, não o esqueçamos — revolucionário e, portanto, vê mais que os interesses materiais.

Mas estará ela certa quanto à função dum movimento que visa a transformação da sociedade? É aqui que surge o ponto mais delicado e onde os que têm escrito sobre sindicalismo se dividem, não se entendendo mais, nem mesmo quanto à duração do sindicalismo e à sua função no momento em que a tal transformação se operar.

E porque sucederá isso?

* * *

A produção é na sociedade um modo de actividade útil que surgiu, na sua fase actual, com o capitalismo. Tomou, naturalmente, a característica que aquele tomou por ele ordenar, determinar essa característica pela função especial que se reservou.

O produtor submetido por ignorância, por hábito, por comodismo, seguiu uma linha de evolução parecida e fez surgir as agrupações profissionais para se defender do que era tão mau que o hábito adquirido, o seu

comodismo natural, era vencido para dar lugar à luta, ao espírito de rebeldia que cada um tem alapardado dentro de si. Mas o operário não tinha — ainda não tem — aquela capacidade intelectual que permite autonomia de pensamento, capacidade inventiva. E, por isso, deu aos seus organismos uma característica não muito distinta da que a burguesia adoptava. Não viu se isso lhe era ou não conveniente. E enquanto esteve certa ou a capacidade de resistência era muita, não se notaram as deficiências, nem surgiram os mais inteligentes ou conhecedores a exercer a função de críticos, mesmo porque a luta lhes levava o tempo todo.

Com a sua aparição, o movimento operário foi submetido à análise e ruíram ideias feitas sobre ele. Os práticos — os que tinham lutado — argumentavam — e argumentam ainda — com a sua experiência, para não deixar evoluir o movimento. Os outros receosos, recuaram... por medo, quando não por miopia.

E o movimento estagnou e, quando não estagnasse, desviou-se para uma luta de princípios, de tendências que nada vale, porque poucos querem pensar, porque não querem modificar-se, vendo as realidades e actuando em harmonia com elas.

Falando desta maneira a um amigo ele dizia, quasi zangado:

— Mas apontem o mal!

Já isso fizemos, quando perguntamos: «Mas estará ela (definição de Bernard) certa quanto à função dum movimento que visa a transformação da sociedade?»

Não. Não está certa. E não está certa porque se diz, nessa mesma definição, que se agrupam os trabalhadores sobre a base profissional «para a defesa comum dos seus interesses imediatos e futuros, materiais e morais, profissionais e sociais».

O agrupamento conseguido sobre estas bases é falso, não corresponde à finalidade que visa, não pode lutar em harmonia com os desejos de emancipação que se gritam em todos os cantos da terra, que penetraram já a consciencia rudimentar do operariado. É que se partiu — inconscientemente, talvez, mas o mal não diminui por isso — do conceito marxista que supõe o produtor na posse duma consciencia de classe pelo simples facto de ser produtor e o julga capaz de lutar, independentemente de qualquer outra influência.

Ainda hoje se segue o critério — que não classificaremos — de se dar ao homem, apenas, funções, sem o motor que as determine. O homem

Adolfo Ferrière

As suas duas conferências realizadas em Lisboa

O conhecido pedagogo suíço, um dos mais entusiastas propagandistas do movimento pedagógico conhecido por Escola Nova, passou em Lisboa e realizou duas conferências.

Na primeira tratou o problema da disciplina na escola nova e definiu os princípios da liberdade e da autoridade. A definição desses dois princípios mereceu a Adolfo Ferrière muita atenção, pois — quiz-nos parecer — procurou evitar incompreensões quanto à aplicação dos seus métodos disciplinares. Falou das suas observações sobre a criança — o elemento passivo — demonstrando como nos vários períodos que caracterizam o seu desenvolvimento, se deve aplicar a disciplina. Esta é uma consequência da análise científica, da observação cuidada da criança, feita regularmente, de maneira a evitar os seus excessos — de rebeldia, de amolecimento, etc. — mas, também, os excessos do professor.

Na segunda conferência — «A Reforma pedagógica e a formação dos professores para as novas escolas» — falou, principalmente, dos educadores, salientando os defeitos destes na actualidade. A educação que ministram é inconveniente, porque submetem a criança à sua tirania, preferindo corrigir pelo excesso os inconvenientes que podiam evitar. Os professores devem ser reeducados — os que tiverem condições próprias — em escolas modelos para poderem dar ao ensino novo a sua natural aplicação.

Foram duas brilhantes conferências, que é pena não ter a maioria da assistência compreendido e apreendido, para aplicar. Ficam assim sem o necessário complemento. Em todo o caso a assistência aplaudiu o conferente com calor.

será em tudo regulado pelo seu instinto, pelos seus hábitos pelas influências exteriores sem ter o controle necessário, vindo da sua educação, da sua autonomia consciente, da sua mentalidade.

Quantas influências político-sociais não recebe hoje o homem? Quantas? É difícil determiná-las. Todos, porém, podem verificar a sua importância, pelas numerosas ideologias que se propagam, pela variedade de fórmulas políticas, económicas e mentais que se propõem salvar a humanidade da hecatombe.

E é quando essas influências aumentam em número e em poder, quando elas, mesmo, penetram já no movimento operário, que se pretende, ainda, manter uma independência, que é a maior dependência, que é uma coleira e a maior afronta à dignidade dos trabalhadores, que têm a noção vaga de que é preciso diferente orientação.

Não basta atacar o marxismo, declará-lo falso, inadaptado ao momento social. É preciso ir mais longe. É preciso que nos desvinculemos dos restos que sulcam o nosso caminho. Precisamos avançar e eles, ainda, impedem esse avanço regular, metódico, porque se infiltram no cérebro de alguns que seguem nesse caminho.

O movimento operário visa a transformação da sociedade. É preciso que a sua actividade se dê os meios precisos, convenientes, para que esse desejo não seja, apenas, isso.

CRÓNICA

Um livro de versos

Tenho sobre a mesa de trabalho um livro de versos. Tem o lindo título «Chuva de Maio» e é seu autor um novo, plebérico, rico em vontade e persistência — António Vitorino.

Esse livro tem três partes.

Na primeira parte canta o autor a alegria das coisas simples que vivem na sua aldeia. Passam em imagens rápidas — dadas em versos cadenciados num ritmo agradável — as festas da aldeia, a Azenha que tem «um modo tão gracioso», o Arraial, a chuva de Maio que «vai caindo, lentamente» o Manel mai-la Maria, a moçoila tsnada que guarda o trigo, a alegria simples duma festa; tudo, afinal, quanto é encantado, graça, beleza e simplicidade numa terra, onde ainda os homens conservam aquela pureza de carácter que lembra uma terra estrumada ainda sem o grão que a há-de tornar pecadora.

Esta primeira parte podemos atribuí-la a reminiscências da infância, mais tarde lembradas com a impaciência duma alma que desperta para a vida e desejaria absorver todo aquele encanto que lhe ficou nos olhos, desde os distantes tempos de pastor. E para ser mais forte a nossa suspeita, autor terminou essa parte do seu livro com uma poesia — «Eu e o Pinheiro do Monte» — onde há muito daquela saudade que se sente quando temos como impossível a voltar aos tempos ditos, aos tempos de que conservamos o hábito quente dum beijo, mesmo que o tenha dado uma ovelhinha, uma mãe, uma criança. «Dize-me onde é essa fonte — que conserva a mocidade».

E o momento recordado foge de nós, sem termos tocado sequer, para que não possamos sentir, ao menos, a impressão de que o possuímos!

Na segunda parte de «Chuva de Maio» o autor canta o amor. Não gostamos. Parece-nos, até, que António Vitorino não devia publicar as suas fraquezas amorosas. O amor é algo de tão extraordinário — na maldade mesmo, se quizerem — que não deveria perdoar-se quem no-lo mostrasse banal, em livro de versos, de novela, no romance ou, até, na vida. E António Vitorino não foi além da banalidade. As grandes amorosas, como Isadora Duncan, se conhecessem essas poesias, deveriam castigar o autor tornando-se amadas dele, para lhe apontarem a sua sensatez e condenarem-no ao pórtio pela sua barbaria.

A terceira parte do livro, a que nos vimos referindo, foi a que mais agradou a certos revolucionários, aquela a que eles deram mais importância. Há nela as vergastadas à civilização criminosa, a branda referência ao operário castigado pelas durezas do trabalho, o grito contra as religiões e uma série de coisas mais no género que que Junqueiro preferiu, Gomes Leal tratou com firmeza e talento e outros, mesmo, tentaram com êxito menor, embora com maior soma de vaidade.

António Vitorino tocou no género. Confesso, lealmente, que me não agradou. Não estamos em época que permita destilares dessa natureza. Porque, embora o não pareça, é destilse tratar-se, daquela maneira, essas mentiras convencionais, que não sei, mesmo, se são do nosso tempo.

Que lucra o leitor — espiritualmente, bem entendido — quando lê «Aos cegos que não vêem que são cegos»? Nada. Verifica, apenas, que o autor se insurge contra a «aspérrima vileza», e afirma que só «Deus Razão se tem por Deus do mundo». Ora isto é nada. E quando muito uma ideia do autor que, correspondendo a uma realidade, está posta de maneira que o leitor não tira dela

(Continúa na 8.ª página)

UMA IDEIA EM MARCHA

A Universidade Operária

Vai tomando corpo e interessando os militantes da frente social a ideia da fundação da Universidade Operária, instituição educativa, que teria por fim o desenvolvimento da mentalidade das elites operárias, aumentando-lhes a cultura geral e valorizando-lhes as aptidões especiais.

Caiu bem a proposta, porque correspondeu, a meu ver, a um desejo há muito existente entre nós e a uma necessidade das mais imperiosas. Se as classes privilegiadas da sociedade, nas coisas do ensino, cuidam, apenas, dos seus interesses particulares, ministrando a cultura superior aos rapazes que lhe podem servir os interesses, dando assim provas dum egoísmo e duma falta de senso flagrantes, é lógico e necessário que o operariado trate também, com o devido carinho, dos rapazes que saem dos seus quadros e os torne capazes de atingir, pela cultura, pela ciência, pela inteligência enfim, elevados planos.

Esperar eternamente que os pedagogos burgueses venham ao nosso encontro, é uma utopia. Esperar, de braços cruzados, confiantes, em resignação ilimitada, que os moralistas do capitalismo, subam até nós a oferecer-nos, filantropicamente, os frutos suculentos da sabedoria, é um contrassenso, um erro tremendo. O pedagogo, o sábio capitalista só faz o que lhe convém, ou por outra, só faz o que não ofende a base do seu predomínio. Por muito benigno que se mostre, por muitas e elevadas teorias que lance ao vento, em política, em economia, em educação, nunca vai além duns certos limites. Lá estão as inexpugnáveis barreiras a limitar o horizonte, a fazer sombra densíssima diante dos passos da humanidade.

E' preciso, pois, que o operariado trate, a sério, da sua cultura intelectual, que se instrua e que se eduque a si mesmo, com o auxílio dos homens de verdadeira categoria intelectual desinteressada, fundando a *Universidade Operária*.

* * *

Os objectivos deste instituto cultural foram já esboçados nos artigos anteriores. No entanto, o camarada F. O., escrevendo também sobre a mesma ideia, trás ao plano de apreciação um problema mais importante, mais vasto e que merece também as nossas atenções. Concordando com a iniciativa da *Universidade Operária*, parece querer atribuir-lhe funções mais largas, de modo que ela viesse a constituir uma espécie de federação de escolas operárias moldadas num objectivo comum. Muito bem! Mas isso parece-me outra questão, outro problema e também digno de estudo e solução. Fundar um organismo que reunisse, numa estreita correlação e harmonia de ideais e de métodos, todos os centros de estudo, quer elementares, quer superiores, escolas, bibliotecas, associações educativas etc., já existentes nos meios operários ou outras instituições modelares que viessem a ser criadas, incluindo nelas, bem entendido, a *Universidade Operária*; parece-me uma ideia admirável e que desempenharia uma função utilíssima, entre nós, se se convertesse em realidade. Mas, como já disse, essa questão afigura-se-me constituir um outro problema, que não briga com o da *Universidade Operária*. Uma coisa seria fundar um centro de estudos modelar onde os trabalhadores, desejosos de saber e já possuidores de instrução elementar, adquirissem uma cultura mais elevada, uma educação científica e moral de ordem superior, que correspondesse, embora por métodos diferentes, mais sintéticos e racionais, à instrução adquirida pelos estudantes ricos nas actuais universidades—e outra coisa seria essa federação de escolas operárias. Posta assim a questão, devemos agora, se não houver desacôrdo importante neste ponto, estudar bem o caso e ver o que convirá mais, desde já, pôr em prática: A Universidade Operária? A Federação Educativa? As duas coisas ao mesmo tempo? Eis as perguntas a que precisamos dar resposta, para podermos seguir um caminho recto e sem obstáculos de maior.

Por mim, afigura-se-me mais acertado começar pela Universidade Operária, visto que, neste género, nada existe ainda entre nós. E' a necessidade mais instantânea, mais imperiosa. Escolas elementares oficiais e particulares, operárias ou não operárias, funcionando gratuitamente e que podem por todos ser frequentadas, já existem, não tantas como seria para desejar nem em condições pedagógicas tão perfeitas como seria necessário, mas, enfim, aí estão abertas para todos. As universidades que existem, é que

Desejos de representantes da sociedade elegante quanto a um espectáculo

Informa o órgão de todas as moagens de aquí e de além-mar, que uma comissão de senhoras caridosas, apoiada pelo sr. Van-Zeler Palha e pelo senhor de Mesquitela, pretende conseguir do governo autorização, ou, mais do que isso, determinação legal para que Vila Franca de Xira seja considerada «terra de Espanha», a fim de se poderem ali correr toiros com a selvajaria com que o fazem os do vizinho reino, acabando por fazê-los baquear com uma estocada em pleno redondel, depois de os cansar e martirizar por todas as formas que a imbecilidade e torpeza dos homens, que se julgam mais inteligentes que os toiros, tem sabido inventar, sob a denominação de «arte».

Diversas pessoas se me têm dirigido, por saberem quanto eu reprovó e abomino o sacrifício inútil do mais prestante de todos os animais, pedindo-me que fustigue, sem dó nem piedade, ou com o dó e piedade de que usam para com os pobres toiros essas humanitárias criaturas, o facto de se pretender que o nosso pobre país volte à barbaria dos tempos do *nosso senhor* dom Miguel I.

Já em tempos, e nestas mesmas colunas, tive ocasião de dizer de minha justiça sobre assunto tão doloroso. Que querem os puritanos que para o facto chamam a minha atenção? Que outra coisa esperam de um povo que continua a aparecer-nos nas estatísticas nacionais e mundiais com o tristíssimo ferrete dos 80 % de analfabetos, visto que analfabetos são os milhares de portugueses que mal sabem pintar o nome, e figuram como letrados nos documentos oficiais? Que mais pode dar o povo mais atrasado da Europa? Que mais poderemos exigir duma gente que, tendo estado já, num certo período, quasi emancipada da tutela clerical, voltou a colocar o pescoço sob a canga de Roma, ajoelhando à passagem das procissões e rojando-se estúpida e alarvemente aos postigos dos confessionários? Não de retorquir-me que quem pede que se matem toiros nas corridas de Vila Franca, são senhoras ilustres, um fidalgo e um criador de bois...

E' facto. Mas se esses postulantes não soubessem a degradação intelectual em que vive a grande maioria do povo português, se eles não contassem, em absoluto, com a intangibilidade do seu físico, ao abeirarem-se de um governo republicano democrático com tal petição, o seu pedido não subiria as escadas da governação, nem a sua apologia seria inserta nas colunas dos grandes diários.

E' a beleza máscula do toureiro, perfilado em frente da rez, que se quer fazer apreciar às damas histéricas e aos integreiros de supercilios rapados e lábios pintados a carmim. E' o cheiro do sangue que se pretende fazer aspirar à massa bruta e ignara, que nunca sabe quando avança ou quando re-

não podem ser frequentadas pelos rapazes das classes laboriosas, atendendo às grandes despesas, que é preciso fazer. E que seria uma federação de ensino, sem um instituto de cultura superior, a dar-lhe o coroa-meito intelectual de que precisaria, a seiva, a luz orientadora e imensa, no desempenho importante do seu elevado papel?

Pensemos, pois, por agora, na *Universidade Operária*.

* * *

Chegou até mim uma carta dum indivíduo, subscrita com uma rubrica, indecifrá-

vel... E' o garbo do cavaleiro, despedaçando, a rojão, as carnes do mísero animal que, se tivesse perfeito discernimento, choraria, não de dor, mas de comiserção por tanta miséria.

As damas da alta e os meninos espartilhados e os velhos caquéticos estão ansiosos de sensações fortes, visto que, inábeis e inaptos como são, passam a vida na ociosidade flácida que amortece todos os nervos... Se uns e outros se dedicassem aos trabalhos rudes a que durante séculos e séculos têm condenado a grande massa proletária, não precisariam de aviventar os nervos nessas sensações bárbaras que pretendem gosar no redondel de Vila Franca de Xira... Trabalhem! O trabalho é a fonte da saúde e do bem-estar. Trabalhem! Assim aliviarão bastante os seus semelhantes, contribuindo também para o desenvolvimento da riqueza comum que eles sabem desbaratar, mas nunca aprenderam a produzir.

Se trabalhassem com afinco em qualquer dos ramos da actividade humana, pensariam mais nas suas obrigações quotidianas do que na maneira selvagem de espicaçar os toiros, acabando por abatê-los covardemente, depois de os ter reduzido à impotência pelo carasso e perdas de sangue.

E são estes e estas os que compõem a elite da sociedade portuguesa? E são estes e estas os que se rojam em frente dos altares das igrejas impetrando a misericórdia divina, ou as bênçãos do seu prior...

Pobre sociedade!...

Que as corridas de toiros, ainda mesmo como elas se usam ainda em terra portuguesa, são uma verdadeira cobardia. São uma verdadeira e intolerável cobardia, como é cobardia o tiro aos pombos, como é cobardia o combate de galos, como é cobardia o box, como é cobardia tudo quanto tenda a excitar os sentimentos perversos dos homens ou dos animais, muito principalmente para gáudio da população ignara e ainda pouco passante do estado de pura animalidade.

Trazer um toiro da sua pastagem, metê-lo num acanhado curro, para o fazer correr numa praça, por entre a vozeria e os assobios da estulta multidão, entontecendo-o com os panos vermelhos, cançando-o, sangrando-o, martirizando-o, «preparando-o» para morrer, ali mesmo, sem posses para usar da sua natural defesa, é a mais covarde das cobardias.

Eu estou já a ouvir os homens do estafado argumento do bife, a perguntar-me se em minha casa se não usa o bife na grelha, ou o rim salteado...

A esses posso responder que «sim»; que gosto muito da carne de qualquer animal e de qualquer espécie de pescado; o que não obsta a que tenha imensa e sentida pena de que vivamos ainda numa sociedade tão im-

vel, como são todas as rubricas, manifestando também o seu modo de ver a respeito da universidade. Acha bem, mas descreve do êxito, em face da ingratidão e da *insuficiência mental dos dirigentes das classes operárias*. E' uma carta cheia de zedume e de pessimismo, atribuindo a terceiros as culpas de todos os males que existem... a rabugisse de sempre. Em todo o caso, no final, manifesta desejos por que os militantes encarem a valer a ideia e lhe deem o melhor da sua alma! São esses, também, os meus votos.

perfeita, que seja preciso matar para podermos viver...

Repugna-me e sempre me repugnou viver à custa dos cadáveres de animais que nasceram e têm incontestável direito de viver.

E infelizmente, para que eu possa viver quantas mortes, quanta destruição é preciso causar, nos seres que me rodeiam e que de mim deviam esperar protecção, em vez da faca que assassina!...

Se eu como ao meu almoço, três sardinhas, três pimentos e um fio de azeite e um quarto de pão, quantas dores, quantos sofrimentos, quantas vidas não custon à criação.

Foi a morte das pobres sardinhas que navegavam tranquilamente na amplidão imensa do mar; a morte dos três pimentos que vicejavam na horta, bendizendo a luz, bendizendo a terra, bendizendo o sol; foram as dezenas de bagos de azeitona arrancados à oliveira mãe e esmagados e espremidos, para que o seu sangue me condimentasse a comida; foram os milhares de bagos de trigo, reduzidos a pó, e este amassado e cozido num forno, no qual arderam também dezenas de plantas a que foi preciso arrancar a vida...

Ainda há dias me ofereceram duas lindas perdizes que me foram servidas ao meu jantar de família.

Comi delas. Mas ao dilecerar-lhes as febras tenras e saborosas, pensei demoradamente no sofrimento que deveriam ter tido aquelas lindas aves que andavam na sua impagável liberdade, ao serem derrubadas pelo tiro traiçoeiro do caçador que mas trouxe.

Não as deitei fóra. Utilizei-as. Nas continuei e continuei a maldizer uma sociedade que tem inventado tanta coisa maravilhosa e ainda não foi capaz de descobrir a maneira de nos proporcionar um alimento abundante e sadio, que nos pudesse renovar as energias, sem ser preciso assassinar qualquer dos viventes que se encontram sobre a terra, como, pelos geitos, acontecia antes de Adão ter provado o saboroso pomo que a delambida da Eva lhe foi oferecer, debaixo da árvore fatídica.

Parece-me, por isso, que estou no meu papel defendendo os pobres toiros das brutalidades que outros animais mais brutos, por mais conscientes, querem exercer sobre eles.

Não quero já descer à minuciosa análise que me mereceria a *caridade* que serve de mentiroso rótulo à ignóbil exploração dos toiros de morte...

Isso levaria muito tempo e muito espaço. Caridade!...

A caridade cristã, acrescentam alguns e algumas, que é o lábaro que levanta quem quer dissimular mal contidas vaidades...

Caridade... Não seria melhor proporcionar a todos um trabalho sadio e deixarem-se assim de explorar tão rendoso sentimento, que, no meu modesto modo de ver, não cabe dentro de corações formados nos modernos sentimentos humanitários?

Mantenha-se o que está decretado. E, como resposta, o governo só teria um caminho interessante a seguir:—proibir de uma vez para sempre as corridas de toiros em território português.

Era esta a melhor resposta.

M. O.

F. S. Serra Frazão

EXPOSIÇÃO

Documento sobre o cumprimento do actual horário de trabalho

Já não é estranho a v. a opinião clara da organização operária portuguesa sobre o problema do horário de trabalho, tanto pelo seu aspecto jurídico, como ainda pelo seu aspecto económico e moral.

Se a classe do industrialismo alega que o problema da jornada de trabalho é decisivo para a vida e o futuro da indústria e do comércio no seu aspecto actual, nós, Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, representando os sindicatos desta localidade, afirmamos que a jornada de trabalho, de 8 horas por dia, é decisiva para a vida e a economia dos trabalhadores portugueses, maiores consumidores dos produtos da mesma indústria e comércio.

A crise que se verifica entre nós é uma crise de abundância, como de resto é fenómeno observado em todo o mundo, e cada vez mais se acentuará com a ruína económica e o depauperamento físico dos consumidores, do operariado.

A jornada do trabalho de 8 horas, à parte a justificação científica fornecida por eminentes homens de ciência, que afirmam que o operário, tendo um certo repouso e uma jornada mais breve, há um aproveitamento de energias melhor que pode aplicar a uma produção consciente. Essa jornada é ainda o nível que permitirá atenuar a crise do desemprego pela maior participação de desempregados na produção, além do tempo que permitirá a elevação técnico-profissional do operário.

Se à classe do industrialismo, e ao progresso da indústria e do comércio, importa um progresso maior, que se faça sim, mas à custa dum trabalho de fomento, dum limite da paixão do lucro desmedido, dum emprego dos capitais imobilizados sob a garantia dos juros bancários para iniciativas necessárias, mas nunca fazê-las sobre o depauperamento económico e físico do operariado, que é dizer, sobre uma falsa base de reversas consequências.

Um progresso industrial só se pode operar com consumidores, e o número maior de consumidores são os trabalhadores, e estes só o podem ser quando não sejam esgotados pela miséria do desemprego e da fadiga dum trabalho exaustivo. De contrário observar-se-á um progresso de lucro industrial que está na ordem inversa do primeiro.

Decerto que concordará sobre estes pontos de vista que são para nós, trabalhadores, uma das mais caras, justas e necessárias das suas reivindicações, e que não se logra perder, porque sente o operariado quando da sua segurança física, económica e moral depende a justiça da aplicação geral da jornada de 8 horas de trabalho.

Há classes—rurais e domésticas—que são excluídas da lei actual, sem uma razão forte. Os princípios que justificam para as classes industriais e do comércio a jornada de 8 horas de trabalho, são as mesmas que aduziríamos em favor da generalização da mesma jornada de trabalho até essas classes.

Ainda temos a contar que, devido à abundância no campo, mercê das longas jornadas de trabalho e da incultura das terras, invadem as cidades e as indústrias milhares desses trabalhadores que vêm assim engrossar mais o canal de desempregados.

São nestas breves palavras que traçamos a v. o plano sobre o qual assenta a razão duma reivindicação, que legítima como é, não a deixará perder o proletariado, e v. que tem a missão de decidir um assunto de tal magnitude, não esqueça a justiça, a veracidade e a razão do desmentido que opomos à teoria da maior produção com maior jornada.

Resumindo, a «Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa», representando o proletariado de Lisboa, reclama:

- 1.º Manter-se a jornada de trabalho máximo de 8 horas por dia.
- 2.º Que não possa ser sofismada com a execução do trabalho suplementar.
- 3.º A sua extensão a todas as classes trabalhadoras sem excepção, e a necessária regulamentação.

Junto remetemos dois projectos de regulamentação do horário de trabalho nas classes marítimas do Fogo e do Convés, que sintetizam as justas aspirações daquelas classes.

Sem mais

A Comissão de Estudo da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa

CONFRONTOS...

O conceito da sociedade anárquica em confronto com a sociedade capitalista

Se todos os indivíduos que pela sua condição social não têm interesses ligados com o regime capitalista-estatal, fizessem da sociedade anárquica um conceito plenamente consciencioso e justo, poderiam os doutrinadores do anarquismo apoteosar o nascimento do sol da felicidade humana.

Preguntar-nos-hão se, mediante esse conceito, considerariam os idealistas resolvido o mais complexo problema sociológico.

Nós responderemos que a filosofia anarquista se integra e identifica com a Natureza e com as leis que regem a vida, e aprofunda a natureza humana e as questões éticas e económicas; leva em conta as influências da ancestralidade patológica e dogmática; não esquece a triste condição de anela a que a Humanidade se vem resignando através dos séculos, nem põe de parte as delicadas conclusões etnológicas que tira da observação no ser peccador; não perde de vista as influências perniciosas do misticismo no espírito dos povos, nem desvia a atenção da cultivada religião de Estado, do patriotismo e do ódio da raça — como não prescinde de investigar todos os fenómenos e leis que se relacionem com a felicidade humana, nem de autopsiar o cadáver da sociedade capitalista, cujos defeitos, vícios e enfermidades desnuda.

E de tal forma interessada se ocupa da sociedade futura, que nos descobre e mede o relvê e a resistência dos obstáculos e circunstâncias a vencer para alcançarmos o almejado fim da sociedade anárquica, onde, então, a filosofia anarquista nos limita o progresso da perfectibilidade humana no infinito... a determinar pelas necessidades morais e espirituais, criadas pelo instinto de natural simpatia, solidariedade e afinidade do volitivo agrupamento dos indivíduos — para, em perpetua paz e harmonia, exercerem a sua nobre missão: cada um dando à comunidade o que e como pode e nela tendo a sua livre disposição o que necessite, todos gosando a felicidade em igualdade de circunstâncias!

Deduz-se, claramente, que os advogados do credo acratá não compreenderiam inteira e satisfatoriamente solucionado, apenas com o conceito que desejariamos ver formado da sociedade anárquica por todos os trabalhadores do mundo inteiro, o mais importante e humano dos problemas em cuja resolução humanamente estão empenhados.

Mas teríamos entrado franca e decididamente no caminho da solução?

Não é arrojado afirmá-lo categoricamente.

Admitamos que a sociedade capitalista que, com a autoridade da experiência, faz o seu conceito sobre o concerto e velocidade de avanço dos trabalhadores para a sociedade anárquica, facilitando-lhes para isso, tanto quanto lhes é possível a marcha. Dar-lhes liberdade absoluta de utilizarem toda a produção do seu esforço, absoluta liberdade de reunião, organização, distribuição e estabelecimento de duração do trabalho, solução dos problemas de habitação e educação técnica e sociológica, curso plenamente livre de todos os doutrinadores do ideal anarquista, etc., etc.—no que consistiria a alteração... extintora do programa de predomínio dos detentores de toda a riqueza social.

Muito provável seria que que feitas essas concepções ouvíssemos o brônzeo lamento dos sinos dobrando pela baixa ao sepulcro, já aberto pelos séculos de martírio dos que labutando sofrem, do cadáver do sistema capitalista que, ao descer ao coval, mereceria, de todos nós, o testemunho, bem penhoradamente grato, por ter instituído o Anarquismo na Terra...

Mao admitamos que ao sistema capitalista era possível fazer a experiência e opôr um invencível obstáculo ao avanço dos últimos passos para a sociedade livre; que conclusão tiraria o regime burguês para opôr ao nosso raciocínio fundamentado no conceito formado, por todos os que trabalham, da sociedade anárquica?

Cremos que de argumento algum, de suficiente peso, disporia para opôr ao optimismo de mais, muitíssimo mais breve poderemos saudar o surgir, afinal, da aurora da felicidade humana — ao que a burguesia se opõe com todas as forças e por todos os

meios de que dispõe, porque não quer desistir do privilégio de usufruir uma felicidade que nada mais representa do que a miséria e o sofrimento dos que labutam.

E' evidente, trabalhadores, que só esta intuitiva conclusão podeis e deveis tirar: que o capitalismo vos move guerra, vos comove e vos dificulta, mantendo-vos na ignorância e na miséria económica e cerceando-vos todas as liberdades, com a intenção bem consciente, previamente formada, de impedir que caminheis para a vossa emancipação — porque o triunfo pleno das doutrinas de emancipação humana eliminará esse sistema de exploração que fomenta o crime e todas as misérias sociais.

Conscientes de que são as doutrinas anárquicas as únicas que estão em perfeita harmonia com o fim para que a Natureza criou o homem, os apóstolos da Liberdade não se fatigam em vos esclarecer e abrir a artéria que vos conduza àquela felicidade justamente ambicionada e à qual todo o ser humano tem incontestável direito — e sem a qual não viverá nunca uma vida digna.

E' quanto ingrata, árdua e ingente é a luta de todos aqueles que por uma causa tão justa, tão generosa, tão nobre e tão humana, não desistem nem desanimam em frente de todos os obstáculos e de todas as dificuldades, ousados e altivamente sempre resistindo e prosseguindo com o que podem e como podem, alimentando o seu espírito de bronze e a sua vontade de extraordinária resistência com a Esperança... — de verem as iniquidades e todos os males sociais darem lugar à Justiça Social!

E qual a força, trabalhadores, que vos há de impelir para esse Alem... cuja distância que dele nos separa só vós a podereis medir?...

Arrastados pelo íman das reformas políticas, por novos programas, nova política, por um novo Estado?

Se ainda achais poucas as cruéis desilusões sofridas até hoje, deixai-vos arrastar; mas se concebeis que a Terra foi livremente e livre legada a todos os indivíduos para nela livremente viverem e que nenhuma razão lógica existe que justifique as disciplinas, o predomínio da força, a escravidão, o sofrimento, a tirania e as dificuldades económicas, então fazei da sociedade anárquica justo conceito, confrontando-o com o que deveis fazer da sociedade exploradora em que viveis.

O capitalismo representa o direito de vos submeter, humilhar e de tudo vos usurpar; representa a lei, que ao próprio analfabeto impõe deveres sem lhe assegurar direitos; representa os regulamentos e códigos, ameaçadores e implacáveis para todos os desherdados a quem punem com impiedoso rigor por faltas e crimes cuja origem, qualquer que seja, só da sociedade capitalista parte; representa o tribunal, o manicómio, a taberna, a cadeia, o lupanar, o leilão, a casa de penhores, a igreja, o Banco, a casa de jogo, verdadeiros focos de peste, outros vergonhosos, estabelecimentos onde se exerce o comércio mais vil e ultrajante de que há conhecimento na história dos povos; representa o monopólio de toda a riqueza social, as guerras, a dor e o luto; representa o desemprego, as lágrimas, o sofrimento, as injustiças, as arbitrariedades, a doença, a fome, o suicídio e a miséria que convulsiona o mundo!

E' o sistema capitalista, é a sociedade em que vivemos, a fonte de onde emergem todos os crimes, todos os descontentamentos, todos os desgostos, todas as desditas, todas as paixões mórbidas, todos os crimes horripilantes, todos os conflitos, toda a dolorosa assistência de todos os que trabalham e todas as revoltas e lutas sangrentas!!

E como fugir a todo esse horror e evitar todo o atrás martírio que dir-se-ia o único alimento, o único direito e a única felicidade cujo triste goso ao mundo vieram predestinados os milhões de indivíduos que de grandiosamente imenso só conhecem o Martírio?

Como e qual o caminho por onde seguir para o pleno alcance da Justiça e da Liberdade?

(Continua na 8.ª página)

TACTICAS...

Tacticas novas, inovações já postas de parte ou que vem aí de novo?

Aquelas tacticas modernas dos comunistas russófilos, deixam muito a desejar. Sempre que lemos qualquer crónica dimanada dos centros moscovitários, é inevitável que um gargalhar sonoro e franco venha pôr termo às considerações sugeridas pelas tais tacticas inovadoras.

Inovadoras?... mas não é este o qualificativo que melhor se adapta a semelhantes pontos de vista, porque os seus arautos serão quando muito... renovadores duns meios de luta que embora lhes pese estão já bastante corrompidos.

Nós entendemos que só pode ser considerada inovação, a introdução de qualquer ideia nova, ao passo que os novos apóstolos, outra coisa não fazem que lançar mão dos processos que por improficuos foram postos à margem pelos políticos decrépitos. Políticos como todos os políticos não hesitam em lançar mão de mentrolas mal arquitetadas cujo fim é sempre a discórdia e a descrença entre as massas trabalhadoras de cuja melhoria imediata, se afirmam os únicos propugnadores.

Como são iguais todos estes políticos! Como são idênticos os meios de que se servem para conseguirem os seus fins!

Os antigos políticos mentiram sempre, os neo-políticos mentem ainda mais descaradamente... com a agravante de não quere-rem ser os únicos... políticos.

Ainda há pouco tempo lêmos no órgão moscovita, uma série de asserções de origem anarcófila, que terminavam pela afirmação piramidal de constituírem os anarquistas uma organização puramente política à qual não faltava sequer o pomposo título de: — Partido anarquista.

Rimos... rimos bastante da inédita e erratânica conclusão a que chegaram os «tacticos ultra-modernos» e teríamos empregado imediatamente o órgão da imediata, como complemento dum serviço imediato que tencionávamos levar a efeito... se não nos recordássemos de que semelhante afirmação tendo partido duma corrente política constituida em grande parte por renegados, outrora defensores das ideias anarquistas, sómente visava lançar a confusão entre as massas trabalhadoras, e, especialmente, anuviando o cérebro de alguns operários bem intencionados que, apesar do seu anseio de libertação, foram, mercê dos seus escassos conhecimentos sociológicos arrastados, para uma falange que em vez de lhes proporcionar a almejada liberdade, procurava convertê-los em elos da mais forte cadeia autoritária.

Como podem esses «senhores camaradas» confundir anarquia — sociedade libertária, constituída sem espécie alguma de governo; com Política — arte de governar os povos?

Como têm ainda a desfaçatez de vir a público, desvirtuar a finalidade duma corrente sociológica da qual alguns fizeram parte e que por esse facto sabem muito bem ser apolítica e anti-partidária?

Porque vêm, pois, cognominá-la de Partido Político? Será em obediência às novas tacticas? Então simbolisam estas, ou a ignorância mais crassa, ou a mais censurável crise de caracter.

Se é ignorância o que preside a semelhantes afirmações, então aconselhamos os sobreditos respeitáveis apóstolos a que lancem mão dos livrinhos. Estudem algo mais, adquiram uma consciência e depois venham até às massas, armar em seus orientadores. Se pelo contrário é a calúnia, a mentira e a discórdia que procurais converter em palavras de ordem, então retirai-vos... retirai-vos para bem longe. Nós continuaremos a abraçar as nossas seculares tacticas porque de Messias intrujões já de há muito estamos fartos.

R. Adão

A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

recomenda a leitura de «A Batalha» e «Vanguarda Operária»

Lêr e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

Os pescadores e a sua situação

Como eles são explorados

Dizem que as civilizações, ainda mesmo as mais avançadas, descem por camadas sucessivas, até aos mais rudimentares princípios de vida.

Assim são, também, os trabalhadores quando à sua situação económica, e mais condições de trabalho.

Entre os pescadores, nós vamos encontrar preceitos e contratos de trabalho, que não devem andar muito longe dos existentes na idade média. O que em *gloria* profissional é conhecido por «roubo» e o «a unha» são restos de um passado que ainda pesa sobre o viver dos pescadores. Já, por vezes, se têm feito esforços para os abolir, mas esses costumes estão cimentados, não só por grandes interesses, por parte dos armadores, como também por muitos anos de tradição. Só um esforço comum poderá conseguir tal objectivo.

Por aquelas humilhantes condições de trabalho ficam os pescadores sujeitos a disputarem, uns aos outros, a magra remuneração do seu labor profissional. Os seus salários, são ainda hoje de importâncias que variam entre 1500 a 2500 por cada dia de trabalho exaustivo como é o do pescador. Além destes fabulosos ordenados, têm então, em alguns portos, o resultado da venda do peixe disputado na fúria do «roubo» ou do «a unha». Na maioria dos portos não existe já aquele hábito tradicional de exploração. Foi substituído por outros, que apenas modificaram a forma, deixando de pé o efeito—a situação miserável como vivem os pescadores. Em geral, hoje, além dos ordenados já mencionados, têm determinadas percentagens na venda do peixe. E então, é ver, como por este meio se procura refinar mais ainda a exploração.

Nas deduções feitas, para se estabelecerem depois as percentagens, quando elas são estabelecidas sobre o produto líquido da venda do peixe, são medidas despesas que nunca se sabe como foram feitas. Os artigos necessários para o serviço da pesca, atingem então preços e quantidades verdadeiramente fantásticas. Só assim, os preços dos armadores e do mercado, parecem baixos. E' que, quanto mais elevada for a despesa, menor é a percentagem recebida pelos pescadores.

Noutros portos, as percentagens estão estabelecidas sobre a tonelagem de peixe pescado. Aqui já o processo de exploração é outro.

E' um barco que se atraz mais um dia ou dois para a sua venda não ser incluída naquele mês, não chegando assim à tonelagem necessária, para se receber a percentagem; são as ofertas de peixe a várias entidades de onde os pescadores estão dependentes e são pesos feitos por uma taxa estabelecida pelos armadores, que todos estão convencidos ficar muito longe do peso verdadeiro. E não se imagine que a pesar de todas estas coisas os armadores são condescendentes e quando apenas faltam alguns

Não contava com o prejuízo

Um conhecido meu, fazia alarde de galanteador e afirmava em qualquer lado, «que as mulheres só têm uma parte agradável, e que os escrúpulos estavam demais. Parvo era, repetia, o homem que, podendo aproveitar-se duma mulher, feia ou bonita, branca ou morena, o não realizava».

Sucedeu que um galanteador como ele, apañou a irmã e aban donou-a com a maior indiferença, deixando-a no estado de gravidez.

O meu conhecido, então enlouquecido, foi em procura do profanador a exigir-lhe que reparasse a falta com o matrimónio legal. Como ele se opu zesse matou-o.

Ler e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

quilos, eles sabendo como os pesos são feitos, dão a conta por completa. Não.

Há uma infinidade de indivíduos, vivendo entre os pescadores e os armadores, mas apenas do trabalho daqueles, que são mantidos nessa situação exactamente para defenderem os interesses dos armadores. Quando estes indivíduos vêem que aquela conta se aproxima, fazem todo o possível para não ser atingida. E só que faltam alguns escasos quilos, que seriam atingidos e ultrapassados, se os pesos fossem feitos como deviam e o peixe pescado fosse todo metido nas contas ou no peso—os pescadores não recebem a percentagem, ficando assim os seus proventos diminuídos em importâncias relativamente grandes, comparadas aos seus ordenados.

Há ainda percentagens estabelecidas sobre a venda bruta. E' todo um sem fim de percentagens e contas em cujo labirinto os pescadores se perdem.

Nunca eles sabem, verdadeiramente, quanto ganham senão depois de receberem o salário e as várias percentagens. Alguns, até mesmo depois disso o ficam ignorando, tal é a confusão.

Esta parte, é apenas referente a salários, mas sobre as restantes condições de trabalho, as coisas não estão melhor. Nunca os pescadores sabem quando têm um dia livre para o passarem no contacto familiar. Não falamos já em horas de trabalho, ali desconhecidas. O próprio descanso semanal, ou outra regulamentação que o substitua, ainda hoje é, para os pescadores, uma lisonjeira aspiração.

José Francisco

SOLIDARIEDADE AOS MINEIROS

Num belo gesto de solidariedade, revelador duma consciência que enobrece, uma comissão de trabalhadores realizou já um espectáculo, cujo produto foi entregue, na totalidade, aos mineiros de Aljustrel e de S. Domingos, vítimas das empresas mineiras, que, sem justificação alguma, os atiraram para as incertezas do desemprego.

O primeiro espectáculo foi uma bela manifestação de solidariedade do operariado lisboeta, não sendo, contudo, tão grande que provocasse nos promotores desses espectáculos, o entorpecimento que vem quando se sabe não ser preciso grande esforço para algo conseguir.

Não. Eles não estão, ainda, contentes. E assim estão organizando novo espectáculo, que promete ser mais atraente, ainda, que o primeiro. Contam não só com mais elementos como, também, com uma casa mais vasta e, portanto, onde a afluência de público pode ser maior.

As festas pró-mineiros, agora a realizar, terão a sua efectivação no dia 22 do corrente na Caixa Económica Operária, cedida, com gentileza, para esse fim. O espectáculo promete ser brilhante, dada a meticolosa organização do mesmo. Representar-se-há a grande peça dramática As Duas Causas—peça de bom espectáculo—havendo no final, um artístico fim de festa.

Abrihanta esta festa um distinto grupo musical, que executará um escolhido repertório.

Todos estes factores muito concorrerão para o êxito da festa projectada, devendo os seus promotores ficar satisfeitos.

Trabalhadores!

Nenhum de nós pode faltar a esta festa de solidariedade.

Trata-se de manifestar a irmãos nossos, caídos na luta e no trabalho, o nosso apoio.

Assim ficarão certos de não estarem desacompanhados e nós teremos demonstrado que não esquecemos os que vão caído.

A comissão organizadora dessa festa, pede aos sindicatos, para onde enviou bilhetes, uma resposta, devendo ela ser dada no mais curto espaço de tempo, a fim de não criar embaraços ao andamento normal dos trabalhos que a comissão tem para realizar.

DA EMIGRAÇÃO

Os dois factores que a determinam

Breve análise de dois dos aspectos fundamentais da emigração. O que a provoca e torna um tanto difícil a solução do problema

Muito se tem escrito sobre a emigração e, até hoje, ainda ela não deixou de ser um dos flagelos sociais que maior número de anomalias provocam. Não atingindo, apenas, o lado económico duma nação, afecta, também, os trabalhadores do país que a suporta, por o imigrante se submeter a condições de trabalho mais penosas e menos remuneradas. Por outro lado e noutros aspectos da vida, encontramos reflexos da emigração, o que a todos convence da importância da sua solução ou, e é o nosso caso, da necessidade de, sempre que possível, juntar, ao já conseguido, novos elementos de estudo. E' certo que não é possível estudar, num artigo de jornal, toda a matéria que se prende com a emigração e, nem mesmo que o

pudéssemos fazer no espaço de que dispomos, devíamos tentá-lo, por empresa tamanha competir aos que falam de cátedra nas colunas dos «colossos». Contudo, não deixaremos de alguma coisa dizer sobre o assunto, procurando encarar o sobre dois dos seus aspectos mais característicos: O lado económico e o lado psicológico.

O primeiro aspecto é motivo duma maior atenção, embora nem sempre cheguem, os que dele se ocupam, a ponderar todos os seus lados. Aceitam a condição económica como fundamental, porque ela é a que se apresenta mais visível e a que mais facilmente conduz a soluções, embora aparentes. Assim, argumentam, para justificar as suas conclusões, com a abundância de braços, porque a terra não se cultiva, o que pode ser provocado por uma diminuição do consumo ou por um relaxamento dos proprietários. Geralmente, elegem este último factor e clamam: é preciso cultivar a terra; é preciso evitar o êxodo que despovoou o país e enfraquece a nossa capacidade de resistência!

Ora a verdade é que não basta chegar a esta conclusão nem clamar com tal entusiasmo. E' preciso verificar-se, apenas, esse factor influi ou se outros não terão, também, a sua importância.

A terra, em Portugal, não produz o que poderia produzir se no seu cultivo fossem empregados os métodos aconselhados pela ciência e se o maquinário moderno viesse aliviar o camponês dum trabalho demasiado violento, por prolongado e executado nas piores condições. E' claro que não esqueçamos a enorme área de terreno inculco, que uma inteligente política agrária há muito teria diminuído, se tal fosse possível em países, como o nosso, a debaterem-se com uma pavorosa crise do que chamaremos *previsão social*.

Para conseguir-se o desiderato apontado já, era preciso que a situação económica do país estivesse à altura de poder aguentar o peso duma tal produção e de servir de valor positivo para o consequimento de créditos—hoje a moeda mais em uso—capazes de permitirem o equilíbrio económico e social do país. Conseguido este—e repare-se que não depende apenas das facilidades de crédito ou dum consumo regular—a produção poderia normalizar-se e baratear, porque encontraria já um consumo capaz de a absorver e desenvolver.

Neste capítulo, sem dúvida vastíssimo e complexo, têm os enten-

didos campo amplo para teorizar e mostrar a sua competência. Querem-nos parecer, não entanto, que o não farão com a isenção precisa, se é que dele se venham a ocupar.

O outro factor é, igualmente, duma grande importância e vamos encontrar no antecedente histórico. Vem dos tempos das conquistas, em que se acentuou o que podemos chamar o «semi-nomadismo» dos portugueses. Nessa época da história, os nossos antepassados precediam os actos de pirataria, no Oriente, de aventuras por mares e terras desconhecidas. O seu feitiço «brigão» encontrava aí por onde expandir-se.

A situação económica de então não seria desafogada, mas também não era de provocar o êxodo. Só mais tarde, quando era obrigatório o povoamento das terras descobertas, a miséria se acentuou, porque o abandono do campo foi quase geral e o trabalho não encontrava os braços necessários para o tornar fonte de riqueza colectiva. E' certo que, em terras distantes, as riquezas acumuladas pelos seus naturais ou que lhes pertenciam, carregavam de ouro as caravelas que vinham enlouquecer os nossos «vernerandos» avós. Isso, porém, não era bastante. Os campos cultivavam-se menos e—como era de esperar, o ouro esgotou-se depressa no fausto dos reis—acentuou-se, progressivamente, a nossa miséria, a nossa decadência. Isto sem contar com o facto de os guerreiros de então serem obrigados a viver uma parte da sua vida em aventuras pelo Oriente e Africa e uma parte da população a ir povoar as terras descobertas ou a constituir a tripulação das caravelas. As compensações assim obtidas permitiam um certo bem-estar na velhice e só então esses homens se localizavam no campo. Estes hábitos foram-se enraizando e tornaram-se parte integrante da personalidade do português, e daí a modificação da sua psicologia.

E, de facto, só estes hábitos e estas maiores facilidades de obter compensações podem explicar o «semi-nomadismo» dos portugueses. O «semi-nomadismo» só se encontra em povos sem o bastante para, depois dum certo esforço, poderem obter uma compensação regular. Ora Portugal tem condições naturais que permitem obter larga recompensa, depois do esforço indispensável e possível, o que, se as teorias da evolução não falham, indica que devíamos ser um povo trabalhador, progressivo

e, naturalmente, sedentário. Pelo contrário, somos um povo de preguiçosos que espera dum acaso, de sorte, o bem estar que só o esforço deve conquistar.

Os dois aspectos que analisamos muito ao de leve, são suficientemente elucidativos e permitem-nos avaliar da insensatez daqueles que desejam medidas coercitivas para atenuar, quando não destruir, a crise que a emigração acentua. Quando tudo indica que se deve apelar para as medidas rigorosas e possíveis e praticáveis, pretende-se, de novo, ensaiar medidas que nunca deram resultados práticos. Vejamos, para o confirmar, o que se passou na Itália, quando Mussolini limitou bastante

(Continua na 8.ª página)

Como actuam os bolchevistas

Um facto ocorrido recentemente

Aqueles que porventura achassem estranhas as nossas palavras do editorial do número passado de *A Batalha* poderão verificar da justiça que lhes assiste com a transcrição que fazemos da carta que abaixo segue.

Tratava-se da organização do sindicato mixto, em Vila Real de Santo António, onde se perdeu o que em tempos ali houve. Era como que o início da reorganização do proletariado local. E a constituição daquele sindicato prestava-se admiravelmente a esse fim, pois se permitia a organização do proletariado das classes de terra, esse organismo agremiaria também as classes do porto e do mar.

Entregou-se a esse trabalho inicial a camarada A. F. Branco, o qual, com uma comissão de que fazia parte, pôsse em correspondência com a Comissão Inter-Federal de Defesa dos Trabalhadores.

Esta enviou-lhe o respectivo modelo de estatutos, elaborado já de harmonia com os preceitos impostos pela lei. Enviou-lhe igualmente os elementos de informação necessários para ser posto a funcionar o novo organismo, e esperancada ficou que os trabalhadores daquela vila marítima procurariam, alheios à política que envenena e divide, estudar e defender os seus interesses e as suas aspirações.

Mas a acção ao mesmo tempo divisionista e absorvedora dos comunistas, não cessa na sua obra ingrata e indigna e os resultados vão ver na carta que segue:

Caros camaradas da Comissão Inter-Federal:

No dia 30 de Outubro realizou-se a sessão

O SEU PROPÓSITO E A SUA VERDADE

E' desagradável verificar que as lutas no movimento operário, se deslocaram, tomando, de súbito, conta dum campo que não lhe era habitual, quasi, mesmo, desconhecido. O ataque desleal que, em dada altura, um sector político—de política proletária—sistemizou, fez sentir os seus efeitos naqueles sectores de militantes, orientados por ideologias diferentes, mas tendo pontos de contacto nos fins a atingir e usando—o que é importante—uma arma que enobrece—a polémica honesta. Esses efeitos começaram as suas manifestações pela divisão, pela desconfiança, chegando à repulsa, ao afastamento.

Era a primeira parte do daque.

A segunda parte foi um tanto diferente nos processos, mostrando, até, uma face que muito ainda não tinham visto: a calúnia, a hipocrisia.

Nesta segunda fase, o movimento sofreu um rude golpe, como se lho vibrasse verdugo burguês. A organização não refeita ainda da destruição que a vitimara; desorientados, ainda, os seus militantes e, mais, as massas organizadas, não se aguentou no choque e daí—é possível que assim não seja—a restocação da luta.

Esta deveria incidir sobre as colunas cerradas da burguesia, que se organiza e recupera as forças perdidas na guerra, racionaliza a sua actividade e conduz a organização social por caminhos que não erram o alvo: a supressão da individualidade, tanto individual como colectiva. Quando menos o julgamos estamos sob o seu domínio absoluto. E, contudo, não podemos entregar-nos à actividade que evitasse o seu avanço, à luta que nos levasse à defesa certa. Estamos encurralados num campo onde esses partidários dos novos enganos nos levariam, sem dele poderem sair, porque os seus ferozes propósitos não feneceem, mesmo perante o pelgo que a todo o operariado ameaça. Tudo desaparece perante o seu interesse de seita; tudo deixa de ter importância desde que não venha em favor—mesmo forçadamente conseguido—dos seus desejos: o predomínio absoluto—seu só—no movimento operário.

Apenas eles têm razão, apenas a sua ideologia é a verdade; apenas os seu sistema resolve o gravíssimo problema de momento; e apenas eles são revolucionários. O resto... fascistas, burgueses... mesmo que sejam escolas político-sociológicas de mais vasto alcance social que a sua.

que se tinha participado e para o qual se convidou a Comissão Inter-Federal. Não se representou, o que foi justificado com antecedência. E fez falta. Apareceram aqui dois indivíduos que se apresentaram na sessão sem serem convidados. Um deles, estudante, anda a criar a confusão entre os trabalhadores algarvios, com a difamação dos militantes mais activos da organização central, acusando desde o roubo, aos coveiros da organização operária.

A mesa da assembleia, explicou os fins da sessão: apresentação dos estatutos para se discutirem. Estavam na mesa dois modelos de estatutos. Um foi o que a Comissão Inter-Federal enviou, a meu pedido; o outro foi feito pelo tal estudante. Conteei nele 62, ou 63 artigos, sem, saber a sua utilidade. São estatutos sem pé nem cabeça. Foram lidos e ninguém ficou a compreender nada. Contudo foram aprovados, não por satisfazerem os fins da associação, mas sim porque uns dias antes da sessão esse estudante andou a aliciar uns rapazes inexpertos na organização operária, para, na noite da sessão, irem e fazerem barulho. No meio da confusão conseguiram a aprovação dos estatutos, feitos pelo estudante, classificados, por um camarada presente como romance. O grupo de rapazes inexpertos conservaram-se desde o princípio ao fim da sessão a fazer barulho. Esperavam assim tirar partido da situação criada. Conseguiram a aprovação dos estatutos, feitos por um homem que põe a ditadura do proletariado nos cornos da lua, essa ditadura que em nome dos trabalhadores media dúzia de ambiciosos querem impor. Não recuam perante nada. Esse estudante fez um ataque cerrado contra mim, os militantes mais activos da organização operária central, afirmando ser um escândalo o que se tem passado. Os inexpertos fizeram tanto barulho que a maioria dos presentes se retirou por não poder apreciar o que ali se ia tratar. O grupo chefiado pelo estudante, não deixou que a sessão se acalmasse um pouco. Continuou agitada até final. Saudações, Augusto Fernandes Branco.

Na carta supra, suprimimos o nome dos indivíduos a que a mesma se refere, nomeadamente o do estudante, principal agente directo deste heroico feito.

O processo de difamação de que usou não abona nada a sua cultura. Que desses processos use o operário ignorante, rude e desconfiado, ainda se explica; mas que tão baixo desca quem já deveria ter o cérebro cheio de ideias de justiça e de verdade, é que não tem explicação.

A não ser que, tão novinho ainda, já o espicasse a ambição de predomínio, e que, para a satisfazer, não despreze os processos jesuíticos.

Este feito, estamos certos, servirá para abrir os olhos aos operários que o acompanharam, pois muito tempo não levará a verificarem que foram ludibriados na satisfação dos seus desejos de emancipação.

Amor de ricos

Numa herdade adoeceu um touro de raça. O veterinário foi chamado sem demora. Não regatearam despesas e proporcionaram-lhe todas as atenções. Até preces e promessas fizeram. O animal curou-se, e além de gratificar esplendidamente o doutor, agradeceram a deus a sua boa obra.

Meses depois adoeceu na mesma herdade, um trabalhador. O patrão assegurou que ele fugia com o propósito de maldade, e ordenou em tom autoritário que ninguém o atendesse, nem lhe levassem comer, a fim de que ele se restabelecesse rapidamente.

Ao quinto dia, um dos companheiros, desrespeitando a ordem do patrão, foi visitar o enfermo, mas ao aproximar-se, verificou que ele estava morto e cheirava muito mal.

O lavrador, indignado despediu o atrevido trabalhador, que cumprira o seu dever, e maldisse a deus cem vezes, por lhe haver ocasionado esse transtorno.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Informações pedagógicas

Tenho um filho que tem o exame da 4.ª classe. Como aqui não há escolas que facilitem mais instrução e eu não posso mandá-lo para longe, desejava que os camaradas me dissessem como é que ele poderia aprender mais alguma coisa, mesmo em casa, sem ter professor.

Toda a consulta tem uma resposta. Mas esta é uma das tais que dá bastante que pensar antes que se encontre uma saída razoável. Mas vamos lá, com paciência. Francês sem mestre, inglês, esperanto, música sem mestre dizem para aí que há, e eu não duvido. Mas uma cultura geral, sem mestre é que me parece coisa muito mais difícil. Em todo o caso, não será impossível, em face de certos exemplos marcantes e dadas determinadas condições. Máximo Gorki, Jean Grave, Marat, para só falar nos grandes, diz-se que não tiveram mestres e atingiram elevados cumes nas esferas do saber. Constituem frizantes exemplos de auto-educação. E muitos indivíduos existem, mesmo entre nós, entre o operariado, que se têm elevado intelectualmente, só à sua custa. Para se conseguir, porém, um tal êxito, parece-me indispensável possuir-se uma razoável inteligência e uma grande força de vontade, uma enorme resistência no querer.

Possui o filho do nosso camarada, que nos consulta, estas duas qualidades? Se possui, e atendendo a que lhe é preciso ainda mais a força de vontade do que a inteligência, pode entregar-se ao estudo e contar com o êxito.

Supondo que não faltam estas duas condições, vamos indicar alguns meios de obter o resultado desejado.

Em primeiro lugar é preciso grande espírito de observação e possuir livros adequados às matérias de estudo e em número suficiente, dos mais simples ou dos que façam uma exposição mais clara e mais resumida dos assuntos, para começar, sem correr o risco de sobrevir o aborrecimento. Ler, ler muito e fazer toda a diligência por compreender bem o que se lê. Nada do que se lê deve passar ao espírito, sem apreciação profunda, sem ficar bem esclarecido perante a nossa consciência. As palavras representam ideias e as frases associações de ideias. Ora é preciso, para que se adquira o gosto pela leitura e para que se desenvolva o espírito, que estas ideias e estas associações de ideias apareçam bem claras ou compreendidas na mente.

A pessoa que pretende instruir-se por si mesma, nunca deve ler sem ter ao lado um dicionário, que consultará, sempre que lhe aparecer um termo duvidoso, escrevendo, num caderno próprio as palavras, cujo significado, assim vai obtendo. Os livros escolares são insuficientes e impróprios, para o nosso caso, visto que são destinados ao ensino com mestre. Os chamados «Livros do Povo», pequenos volumes com 64 páginas, são bons conciliadores, para começar, especialmente os que se intitulam «Como se estuda», «Como se observa», «Arte de ter saúde», etc. A «Biblioteca de Instrução Profissional» tem livros de especialidades que podem prestar grande auxílio: «Aritmética Prática», «Elementos de História da Arte», «Algebra elementar», «Elementos de mecânica», «Física elementar», etc. A geografia constitui um estudo muito interessante, que pode concorrer bastante para a elevação cultural, desde que se faça uso dos mapas ou atlas, estudando com eles à frente. Indico a geografia de Mário Vasconcelos, pela clareza de exposição e variedade de ilustrações, História Universal, serve a de João Soares, para começar, História de Portugal, a de Oliveira Martins, para as primeiras impressões. Literatura, Júlio Diniz, Júlio Verne, Camilo, Eça de Queiroz, Zola, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro. Depois a literatura do passado, Garret, Herculano, Filinto, Camões, etc. A respeito de Sociologia, servem os livros de Augustim Hamon, de Pedro Kropotkin, de Sebastião Faure e de Jean Grave.

Deve-se possuir um caderno, espécie de diário, para tomar apontamentos, que podem ou não ser desenvolvidos, e documentados com desenhos. Nunca o estudioso deve sair a passeio, pelo campo, ou sair em viagem, sem levar consigo o seu diário, tomando as notas necessárias a respeito dos factos mais interessantes que observar e desenhando sempre que lhe apareça algum motivo curioso, que lhe sirva de auxílio para fixação de determinados assuntos.

É preciso fazer pouco uso da memória e muito do raciocínio, da observação, da experiência e do exercício escrito. Procura-se zeter a ideia, em si, esforçando-se por en-

UM DOCUMENTO RESULTADO DUM INQUERITO, FEITO A UM MILITANTE

Relatório apresentado pelo sindicante nomeado

Um parêntesis

A alguns desagradou que se começasse publicando os documentos referentes ao caso chamado de M. J. de Sousa. A uns, aos sinceros e amigos que a nosso lado militam as explicações estão dadas; aos outros, aqueles que servem sectores, onde é usada a calúnia para ferir, responderemos, mais pela peçonha que deixamos no caminho que pela importância das suas insinuações.

Nunca a calúnia serviu senão para degradar para degradar o próprio caluniador. O caluniado fica sujo? Sim, porque da calúnia alguma coisa sempre fica. Disse, algures, um escritor: «a calúnia é como o carvão; não fere, mas por onde passa, suja».

Certo é que toda a obra que tem por base a calúnia deve cair miserável e estrondosamente.

Estamos em presença dum caso pessoal, e nestas condições parecia que não se poderia ir além das pessoas no mesmo interessadas. Assim deveria ser, não há dúvida. Mas sucede que atrás dessas pessoas existem organismos, cada um dos quais com a sua orientação. Atrás dos caluniadores há um partido, e é sobejamente conhecido que a sua nova tática consiste em estabelecer uma atmosfera de suspeição sobre os elementos que quer aniquilar para poder vencer. Atrás dos caluniados está a organização confederal que os elementos do partido querem assaltar, a fim de estabelecerem o seu reduto no terreno sindical.

Eis tudo. É elemento representativo da organização confederal o nosso camarada Manuel Joaquim de Sousa. Sobre ele, pois, de há muito vem incidindo uma baixa campanha de descrédito. Não assenta em coisa alguma, séria e honesta. Primeiro foi o despeito, o pequeno ciúme, etc., depois seguiu-se-lhe a intriga e no final a calúnia. Os inimigos da orientação confederal quiseram dar corpo à rele campanha, por verem nesse experimentado camarada um escolhido às suas arremetidas audaciosas, pois consideram-no, talvez, capaz de adivinhar as suas manobras e de lhes fazer sosobrar.

Descansaram... enquanto M. J. de Sousa esteve transitóriamente afastado da organização central. Mas voltou a prestar o seu concurso, voltou ao seu posto de combate, e a sua actividade renovada fez despertar os inimigos políticos, que por sua vez se aproveitaram dos despeitados.

E foi assim que no seu sindicato profissional surgiu uma feroz campanha, sem nobreza, sem elevação, despidida de todo o espírito de justiça, campanha destinada, apenas, custasse o que custasse, a aniquilar aquele velho militante. Pelo momento era esta a grande manobra.

Só por isso a Comissão Inter-Federal deliberou, dar publicidade à parte essencial da documentação respeitante a este caso, para elucidação de toda a organização sindical e de todo o proletariado em geral.

O documento

(Continuação do número anterior)

Declarou ainda mais, que trabalhou na companhia de Sousa, em missões do seu Sindicato e que nunca notou qualquer falta por parte deste camarada em relação à sua conduta moral — dando sempre boas contas das missões a ele confiadas, tanto em trabalhos realizados como em dinheiros.

Julgamos também necessário transcrever aqui as conclusões do parecer da Comissão Revisora de contas da C. G. T., apresentado por Mário Pinto à reunião do Conselho Confederal realizado em 17 de Setembro de

contrar-lhes novas nuances ou aspectos no pensamento e novas expressões, na linguagem.

Eis o que se nos oferece dizer agora sobre o assunto. Se o rapaz mostrar interesse pelo estudo, escreva novamente o nosso camarada, que nós daremos outros esclarecimentos. O melhor seria até o rapaz escrever, sem o auxílio de ninguém, para aqui se apreciarem as suas possibilidades.

1925 e que foi sancionado no Congresso de Santarém.

Esse parecer refere-se às contas que vão até Setembro de 1925, e foi publicado em A Batalha n.º 2087 de 19 do mesmo mês e do mesmo ano. A falta de outras provas que colocassem ao abrigo de todas as suspeitas, a honorabilidade do acusado, bastaria esse documento — bastante concreto e claro — para o ilibar de certas responsabilidades que — passados anos — se lembram de lhe assacar.

As conclusões do referido parecer, são as seguintes:

1.º — Que aprovei o relatório financeiro do Comité Confederal;

2.º — Que aprovei o relatório do Conselho Jurídico;

3.º — Que exareis ha acta um voto de congratulação pela maneira simples e metódica como está montada a escrita da C. G. T.;

4.º — Que ao guarda livros da C. G. T. seja dada uma gratificação pelo esforço dispendido na montagem da escrita, esforço que, reconhecemos, não tem sido devidamente recompensado.

Considerações finais

Antes de darmos como concluído este trabalho, sugere-nos alguns pensamentos, que, sem pretensões a vincar aqui a manifestação de provas concretas — devidamente fundamentadas — pretendemos somente salientar a qualidade dos camaradas que subscrevem os depoimentos que serviram de base para a organização do presente relatório. Pela actividade dispensada no seio da Organização Sindicalista, pelas suas sólidas convicções nos ideais de emancipação proletária e pelas provas constantes da extrema dedicação nas lutas quotidianas, verificadas através dos sacrifícios, que um aturado trabalho sindical obriga, estes camaradas, são o penhor seguro e incontestável de quanto tem de infundável as acusações dirigidas contra M. J. de Sousa.

Por outro lado temos as declarações do camarada João Antunes elemento que deu motivo ao inquerito, pela atitude assumida no seu Sindicato contra o camarada de Sousa, acusando-o de várias irregularidades — que a nosso ver não assentam em factos solidamente concretizados — tendo-se baseado numa vaga suspeita que ficou dum conversas havidas com um antigo membro da C. G. T. (Santos Arranha). Este mesmo se furtou sempre a provar lialmente as suas acusações, então feitas, contra o camarada Sousa.

E terminando, finalmente, julgamos ter cumprido a nossa missão, dentro dum critério de perfeita justiça, conforme os desejos desse Conselho Confederal — lamentando todavia que factos desta natureza, que longe de nobilitar a organização, apenas contribuem para a debilitar e criando em volta dos seus melhores militantes uma atmosfera de suspeição, quase sempre difícil de se dissipar — porque da calúnia alguma coisa sempre fica. Lisboa, 15 de Agosto de 1930.

O officio que do Sindicato dos Manufactores de Calçado de Lisboa foi enviado à central pedia:

1.º — Justificação da verba de 2.800\$ gastos numa delegacia ao norte, (1925) assunto já levantado na extinta C. G. T. a quando de Santos Arranha (em 1926).

2.º — Justificação do montante do auxilio prestado ao dr. Pedro Valinha (1924).

3.º — Importância gasta com a delegacia a Sevilha a quando da conferência com a C. N. T. de Espanha (1923-24).

4.º — Idem com a delegacia a Paris (1926).

Os depoimentos

Falam os camaradass do Porto:

Caro Sousa:

Acusamos a recepção da tua carta de 12 do corrente, na qual nos pedes esclarecimentos sobre a tua missão ao norte em 1925, por mandato da C. G. T. Devemos dizer que quasi só nos poderemos referir ao que se passou no Porto e mais alguns pormenores de Chaves, Braga e Viana.

Como supomos, porém, que são estes pontos os que mais interessam para o teu caso, passamos a referir-nos ao que se passou, embora tenhamos de omitir talvez alguns pormenores, por motivo do tempo que já vai decorrido e não termos de momento a documentação necessária para precisar datas, etc.

Estamos, porém, recordados que logo que chegaste ao Porto procuraste reunir a Delegação, o que nos parece, se gastaram dois dias, tendo esta indicado S. de S., para, de acordo contigo, se organizar a C.

Levou isso, porém, mais alguns dias e na primeira reunião realizada com a presença dos elementos que ficaram a constituir a C. verificava-se que outros elementos se tinham reunido na noite anterior para o mesmo fim, tendo também nomeado uma outra C.

Verificando-se, portanto, que havia uma duplicidade de organismos para efeitos semelhantes foi deliberado suspender os trabalhos e convidar essa outra C. a uma reunião conjunta, para, no caso de acordo, se fusonarem e seguirem-se os trabalhos necessários. As «demarches» para esse efeito, demoraram mais dois dias. Uma vez, porém, reunidos os elementos das duas C., e apreciando-se o que havia a fazer, expuzeste a tua opinião, que consistia em que fosse escolhido um membro da C. C. do norte, para ir à província, conforme as instruções que dizias ter recebido da C. G. T. Mas havia opiniões diferentes. M. A. e S. C. L., opinavam que quem devia ir era o delegado vindo de Lisboa; outros, e especialmente o delegado da Delegação Confederal, aceitavam como boa essa opinião em face da influência que isso podia ter para o bom êxito da missão, mas alvitavam também que fosse junto com o delegado de Lisboa, um elemento da C. C. do norte, por motivo deste ter de estar directamente em relações com a província e assim pessoalmente poder entender-se com a gente da província.

Desta divergência de opiniões resultou uma discussão acalorada, mesmo apaixonada, entre os três elementos, e por tal forma que, a certa altura, os três, simultaneamente, abandonaram a sala, em atitude quasi agressiva... Os que ficaram, em face de tal atitude, e vendo que não era possível um entendimento entre os elementos desavindos, resolveram dar a C. como dissolvida, e iniciar novos trabalhos para a formação duma outra C. Como, porém, um dos elementos desavindos era precisamente o representante da Delegação, era necessário fazer reunir esta novamente, para indicar quem o substituisse. A-pesar, porém, dos esforços realizados neste sentido, o que é certo é que levou mais dois ou três dias a reunir a Delegação mas a-pesar de convocada para o dia seguinte, não compareceram os seus componentes, o mesmo acontecendo no dia seguinte a este ainda, até que por fim sempre foi indicado o camarada J. de C. voltando a reconstituir-se a C. com outros elementos, entre os quais A. P. Reunida, portanto, de novo a C. voltou de novo a discutir-se a questão de quem devia ir à província, sendo resolvido, depois de uma larga discussão, e a-pesar das tuas observações no sentido de dispensarem a tua pessoa em face das responsabilidades que por esse motivo te podiam advir, que tu partisses acompanhado de um delegado da C. C. do norte: o A. Não podemos ao certo, dizer quantos dias se gastaram com todas estas «demarches», reuniões, adiamentos e outros obstáculos que se depararam. Doze? Quinze dias? Talvez, ou antes isso com certeza, para mais do que para menos. Mas todo o tempo que se gastou foi preciso e a demora havida foi resultante dessa série de contrariedades que surgiram e que era preciso resolver. E' certo, porém, que para isso foram apenas culpados os camaradas do Porto; e, sendo assim, não engeitam os mesmos a sua responsabilidade, a qual se encontram dispostos a assumir a todo o tempo.

E' isto que nos recorda ter-se passado no Porto na ocasião da tua chegada a esta cidade.

(Continúa no próximo número)

DE COIMBRA

A Universidade livre e uma conferência

A U. L. desta cidade vem prestando à instrução e educação das classes populares os mais relevantes serviços.

Foi fundada em 1925 por professores, intelectuais e operários, com o fim de aproximar as classes intelectuais com as classes trabalhadoras, para que aquelas junto destas, podessem melhor espalhar a luz, e o verbo do seu saber.

Tem tido a U. L. desde a data da sua fundação o auxílio de elementos dedicados. E assim, tem desempenhado o seu papel, sob o ponto de vista instrutivo que deu afinal, origem à sua organização muito regularmente. Justo é, salientar—sem desprimor para outros—um elemento. Não só pelo seu saber, mas também pelos esforços que através de sempre, tem dispendido em benefício da instrução popular. Refiro-me ao ilustre professor e pedagogo moderno dos mais distintos sr. Alvaro Viana de Lemos.

Manteve na U. L. por algum tempo, uns cursos de português, francês, história de Arte e Civilização, que, terminaram por falta de frequência da parte dos trabalhadores, que não corresponderam, assim, à boa vontade daqueles, que, procuram dignificar moral e mentalmente as classes desprotegidas e que, pela falta de meios, não se podem instruir.

Mas apesar disso a U. L. tem mantido e mantém um curso de instrução primária promovendo todas as quartas feiras uma conferência pública, que é como que uma lição às classes populares. Ainda mantém passeios de estudo e de recreio, de quando em quando, a pontos que mereçam ser visitados.

Atendendo que a U. L. outro fim não tem que o anteriormente exposto, devem as classes trabalhadoras e o povo em geral, prestar-lhes o seu auxílio.

* * *

Iniciou os trabalhos do ano letivo que começou na quarta feira passada com uma conferência subordinada ao título: *Aspectos de Radiologia*.

Foi conferente o conhecido médico dessa cidade, dr. Carlos dos Santos (Filho), que, segundo os entendidos, é uma das superiores competências sobre o assunto, no nosso país.

O conferente que fez a sua preleção acompanhada de projecções luminosas, começou por dizer que a descoberta do Raio X, data de 1895 e fez-se por acaso quando se estudavam os Raios catódicos, pois viram-se projectar no interior duma ampola coberta de preto. Por se desconhecer a sua origem se ficaram chamando Raios X. Explicou pormenorizadamente os principais aspectos da Radiologia, as vantagens que trouxe, sob ponto de vista médico científico, industrial e artístico.

Pela Radiologia consegue-se saber, o que existe de segredo e mistério, adentro do corpo humano e aliviar o sofrimento a milhões de doentes, que, são torturados pelo cancro, doença que é considerada, tanto no campo social como médico, um dos grandes flagelos da humanidade.

Pela Radiologia os médicos conseguem diagnosticar, com certa segurança, as várias doenças internas que afligem os que sofrem, e também para revelar verdadeiras obras de arte—quadros de pintores célebres da antiguidade, posteriormente cobertas, com camadas de tintas encobrindo o seu verdadeiro valor, como joias artísticas.

Também, na Metalurgia faz sentir os seus salutaros resultados, pois por ela se consegue saber, se a soldagem dos metais é profícua e de efeitos seguros.

O conferente fez projectar num «ecran» previamente preparado para isso, várias radiografias de casos bastante interessantes e extraordinários, uns de sua clínica e outros dos hospitais do Estado.

Põe em confronto a protecção e o carinho que lá fora são dados aos Institutos de Radiologia com o que em Portugal, se faz. Só há muito pouco tempo se sentiu a necessidade de algo fazer de protecção e desenvolvimento da Radiologia. Não porque tenham faltado dedicações e empreendimentos; mas no nosso país quando se pede ao Estado o auxílio necessário e a protecção que lhe é devida às coisas úteis há sempre aquela resposta muito portuguesa:

—Não temos verba.

A lição do sr. dr. Carlos dos Santos que foi deveras notável, da qual damos uns pequenos tópicos, foi muito aplaudida.—C.

MOVIMENTO OPERÁRIO

Urge levantar a organização sindicalista do Algarve

E' verdadeiramente desolador o estado da organização sindical da nossa região e a hora que passa não se compráz com tão grande indiferentismo.

Por todo o país os trabalhadores se apercebem das realidades do momento e tratam de se reorganizarem convenientemente dentro dos seus organismos de classe para a conquista de melhores dias. E assim é preciso.

Tendo em vista as realidades de momento e outras mais que vitimam o operariado algarvio, é que eu humilde soldado das fileiras do proletariado, em obediência ao ardente desejo de emancipação social que me acalenta, resolvi romper com o indiferentismo dos trabalhadores do Algarve, especialmente dos seus militantes, apresentando-lhes a ideia do levantamento da organização operária algarvia, dessa organização que ainda não há muitos anos marcou.

Foi Olhão com os seus organismos, que pareciam bem alicerçados, onde não faltava a U. S. O.; Faro com a sua U. S. O.; Portimão com uma dezena de organismos de classe e que também teve União; Messines também com U. S. O. pelo menos esteve em organização como em Silves. E por outras localidades mais organismos que desapareceram.

E não será tempo de acordar-mos da nossa letargia e coordenarmos esforços para proceder-mos ao levantamento desse baluarte que já na indolência? E', sim!

E' preciso ter a noção das realidades. Urge levantar a classe trabalhadora algarvia de maneira a não se deixar escravizar mais, tão ignobilmente.

Chamo para isso a atenção de todos os camaradas dispersos por essa provincia, especialmente aos poucos sindicatos que ainda existem, devendo procurar-se um entendimento sobre tão magno problema. Estou certo que este meu brado encontrará eco nos poucos camaradas que ainda hoje restam no Algarve. A sua fé no futuro do proletariado os fará unir esforços, os fará lutar!

Basta de indolência. Saíamos de vez do marasmo que nos entorpece e entreguemo-nos, desinteressadamente, ao cumprimento do dever que a nós próprios nos impomos: dar todo o nosso esforço em prol da emancipação integral dos trabalhadores!

Pró levantamento do proletariado algarvio! Mãos á obra!

José Reis Sequeira

Nota — Desejava que outros camaradas se pronunciassem. Fico aguardando que alguns se me dirijam para ver se se põe em prática este empreendimento. Escrever para o Sindicato de Corticeiros de Silves.

Esperanto

Abre um curso em Dezembro

No próximo mês de Dezembro efectua-se a abertura dum curso elementar de Esperanto na sede da Sociedade Esperantista Operária «Nova Vojo», na R. do Ataíde, 6, 1.º (à R. do Alecrim).

Este curso terá a duração aproximada de 4 meses. A inscrição faz-se mediante a matricula de 10 escudos (reembolsável no fim do curso), ficando o aluno a pagar a cota de sócio de 2 escudos por mês.

E' de esperar grande afluência, atendendo ao desenvolvimento que o Esperanto está adquirindo. Aos operários especialmente interessa a aprendizagem do Esperanto, pois que os seus reduzidos salários lhes não permitem dedicar-se ao estudo de línguas. Graças a um pequeno esforço e a um reduzido gasto fica qualquer pessoa habilitada a trocar correspondência e a entender-se livremente com indivíduos de nacionalidade diferente.

Operários, aprendei Esperanto!

Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

«AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso

SITUAÇÃO ECONOMICA

Interessemos os trabalhadores na solução da crise

A onda do desemprego alastra cada vez mais. Agora é um Banco que encerra as suas portas, logo é uma fábrica que despediu uma, duas, três centenas de operários, amanhã é um armazém que liquida, arrastando para o desemprego mais alguns empregados; umas casas arrastam as outras para a ruína e para a falência, e isto é um nunca acabar de misérias e de citações.

Contudo há muita coisa por fazer. Há muitos trabalhadores sem casa, recanto sagrado a que todo o produtor tem incontestável direito!

Há operários vivendo em pocilgas, tuberculizando-se e propagando a terrível doença aqueles que ainda não possuem. Há centenas de ilhas a pedirem o camartelo redentor, desenterrando o desgraçado que lá dentro agoniza lentamente!

Ainda há bem pouco tempo, em missão de propaganda, tivemos de passar pela margem direita do rio Douro, e que vimos aí por alturas da União Electrica Portuguesa? Uma família composta de homem, mulher e uma criança, de pouco mais de dois anos de idade, a viverem debaixo de um muro, num buraco de dois metros de comprimento por dois de largura e um e meio de altura, pouco mais ou menos. Isto passa-se dentro dos muros da segunda capital do país.

* * *

Em Portugal morre uma pessoa de dez em dez minutos! Não somos nós quem o diz, são os médicos que se têm dedicado ao estudo da mortalidade em Portugal. Ora a tuberculose mata mais criaturas do que a mais terrível epidemia. Devido a quê? Em grande parte à miséria, que cada vez se vai alastrando mais e, em segundo lugar à falta de habitações bem arejadas e limpas, e que convidem os moradores a terem um entranhado culto pela hygiene.

Que pretendemos então que se faça para pôr cõro a este estado de coisas? Que se construam bairros para a gente pobre com casas bem arejadas e onde entre a luz a jorros, e depois, se destruam esses focos de infecção, que são as ilhas que por aí existem em toda a cidade. Este trabalho empregará muita gente e porá por algum tempo um entrave ao desemprego, tendo ainda a vantagem de contribuir para o embelezamento da cidade.

* * *

Outro aspecto que o desemprego apresenta, é a falta de dados que nos habilitem a saber qual o número de desempregados existentes no país. Tem a Câmara Sindical do Trabalho do Porto, uma Comissão nomeada para esse efeito, denominada, Comissão de estudo ao horário e crise de trabalho. Esta comissão distribuiu por todos os sindicatos do Porto e arredores, uma bem elaborada circular, a que juntou um questionário, no qual se perguntava entre outras coisas de interesse para os trabalhadores, qual o número de desempregados em cada industria e qual a média de salários. Não sabemos ainda a que conclusões chegou a referida comissão.

* * *

Uma das causas que mais contribuiu para o desemprego, é a falta de cumprimento do horário de trabalho. Falando da enorme crise de trabalho, com um distinto professor ele afirmou: com o desenvolvimento da maquinaria, a crise tem aumentado e continuará a aumentar, tudo levando a crer que se as coisas se não modificarem, teremos dentro de poucos anos, uma nova guerra de bem mais terríveis consequências que a de 1914-1918.

Objectamos-lhe que a máquina foi inventada com o único fim de tornar menos penoso o trabalho do proletário, e não como instrumento de exploração patronal, e que portanto, uma única coisa havia a fazer: a redução das horas de trabalho. Esse professor por fim concordou com esta nossa opinião. É necessário, sem dúvida alguma, uma preparação para a conquista do horário de 6 horas de trabalho, responsabilizando nisso todos os trabalhadores. Estes quer estejam empregados, quer não, têm vantagem em ingressar nos seus sindicatos profissionais, devendo os desempregados agitar a questão da falta de trabalho em toda a parte onde

SUBSIDIO

Queremos trabalho em vez de um subsídio

Não pretendo molestar os camaradas que acerrimamente defendem o subsídio aos desempregados. Não me julgo com o direito de prevaricar com os meus maiores inimigos e muito menos com aqueles que se dizem trabalhadores, do que não duvido, e que são como eu vítimas de privações e misérias e de todas as iniquidades desta sociedade sórdida, em que a humanidade rejeita.

Não, não é esse o meu fim. Nada mais indigno de nós trabalhadores que a argumentação de princípios, de ideias, por uma acção tumultuosa, cheia de insolências—objurgatórios afinal, pois nada mais são—susceptível de ódios, de motins e do desvirtuamento das nossas energias. Que todo o trabalhador tenha os seus alvíres, o seu parecer, e que por vezes proponha novos processos de luta, (porque como diz o d tado: muita cabeça muita sentença) está certo. Mas que os propague isentos de objurgações para que os que antagonicamente pensam em vez de se vexarem, de se irritarem, cogitem e pensem deduzir o que lhes é já útil, abdicando do que lhes seja hostil. E só assim poderemos atingir o fim que almejamos. De contrário, a empregarmos parte da nossa actividade a degladiarmos-nos, só beneficiam os nossos inimigos, que esfregam as mãos de contentes, por verem mais longe a sua derrocada!

Afastavamo-nos um pouco do que pretendemos tratar ainda que rudemente. Afirmando alguns camaradas que para o atenuamento do terrível flagelo, a crise de trabalho, ou para que as vítimas do mesmo se libertem do estado doloroso e de miséria que os dilacera só o subsídio, (que mais não é que uma esmola) será eficaz.

Não, mil vezes não. Nada mais humilhante do que a recepção de uma dádiva, de um auxílio, de uma esmola vinda de pessoas nossas inimigas.

Se não vejamos, Se amanhã tiverdes um inimigo, e este tenha feito mil e uma especulação, há-de notar se te submetestes, por um mau estar económico, a um auxílio deste, que por dever devias detestar, teres perdido toda a razão, toda autoridade para o poderes guerrear, e pôres em cheque todas as tuas futilidades.

O subsídio além de não ser possível abran-ger todas as vítimas do desemprego, em virtude da impossibilidade de concretamente se elaborarem estatísticas com todas as fêrias, tem ainda como primordial objectivo o desvirtuamento moral da nossa organização, tendente a diluir toda a leita paritária.

Também vos deveis convencer que haveria muitos trabalhadores que prefeririam uma vida sem trabalho, porque teriam assegurados 75 % do ordenado. Isso levaria a uma inércia, a uma indolência, que daria o desenvolvimento constante de maior número de parasitas.

E assim o julgo e assim me parece que todo o trabalhador consciente deve abominar o subsídio.

Não será mais razoável, mais proveitoso, mais próprio de nós trabalhadores exigir-mos trabalho quando tanto há que fazer? Não será mais justo, mais útil e mais humano, a exigência da construção de barrcos operários com todas as condições de hygiene atendendo à grande deficiência de casas, insalubres, perfeitos pardiões. Acaso não temos falta de escolas, escassez de reparações nas estradas, no calcetamento de ruas e necessidade de cemitérios? Não há, em quasi todas as localidades, falta de poços públicos e de lavadouros?

E não obstante tudo, parece incrível que certos trabalhadores se entretendam em devaneios, quando, simultaneamente ao levantamento da nossa organização se deveria cuidar de extinguir, de vez a crise de trabalho, por uma acção persistente e razoável, dando a todos trabalho para todos terem pão.

José Correia Pires

isso seja possível e como o permitam as circunstâncias.

Que da boca de todo o operário sem trabalho, saia o grito de:—queremos trabalho. E que o exija, repudiando o subsídio a que certos indivíduos, para atingir os seus fins politico-partidários pretendem levar os trabalhadores.

Germinai Liberdade

A BATALHA



MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Robustecimento da C. N. T. de Espanha

Nos passados dias 4, 5 e 6 de Outubro realizou-se em Barcelona na sede sindical do Bairro de Sans, a segunda Conferência Regional dos sindicatos afectos à C. N. T., para estudar a ordem de trabalhos da Conferência Nacional, que se devia ter realizado nos passados dias 15, 16, 17, 18 e 19 do corrente, suspensa, pelas perseguições governamentais aos elementos mais destacados C. N. T., em várias regiões.

Um dos principais assuntos a tratar e que levou quasi todo o tempo da Conferência, foi o assunto de *Solidaridad Obrera* diário, órgão Regional, e a questão dos presos.

A Conferência estudou detalhadamente as várias necessidades do periódico e as propostas apresentadas pela redacção e administração do mesmo, as quais podemos consubstanciar da seguinte forma: Aquisição de imprensa própria, a propósito foram já feitas algumas demarches com a Empresa de *La Libertad* de Madrid, a qual vende a sua rotativa, com várias vantagens, a *Solidaridad Obrera*. Foram consideradas essas demarches e ratificadas, pela nomeação de uma comissão pró-imprensa. Sobre a questão material, ficou assente que a cotisação de todos os sindicatos da região, na semana 43, revertesse em favor da máquina pró-*Soli*. Resolveu igualmente a Conferência aumentar o número de redactores e do pessoal de administração. Ratificou a orientação do periódico, desejando que ela se aproxime o máximo dos princípios comunistas libertários.

Quanto à ordem de trabalhos da Conferência Nacional, a Conferência aprovou por grande maioria, relegar essa discussão para a Conferência Nacional, onde os sindicatos da Catalunha se farão igualmente representar.

Sobre o assunto dos presos, falou um membro do Comité Feminino Pró-Anistia, cuja companhia, depois de demonstrar o fracasso da campanha, pela pouca importância do governo, apela para uma acção decisiva e enérgica do proletariado espanhol, porque o assunto dos presos é uma questão de dignidade.

O discurso da companheira Rosário Fulcet, foi sublinhado com estrondosas manifestações de carinho e de solidariedade. A Conferência tomou medidas concernentes a aliviar a situação económica dos presos e a efectivar um grandioso movimento de protesto pela inhumanidade governamental.

Sobre as perseguições que estão sendo feitas aos militantes da C. N. T. e pelas dificuldades opostas à legalização de vários sindicatos, assim como contra os bandos armados do «sindicato libre», solidariedade aos grévistas de várias localidades e contra a conjura feita contra a Confederação, a Conferência aprova por unanimidade a declaração de um movimento grévistico contra toda a reacção que pretenda aniquilar a C. N. T.

Nesta conferência fizeram-se representar todas as localidades das quatro provincias da Catalunha, por 73 delegações, que representavam um total de obreiros organizados e cotisantes certos, de 70 a 75.000.

Depois da região Andaluza é a Catalunha a C. Regional que engloba maior quantidade de membros. Ainda assim, há a atender às dificuldades opostas pelas autoridades locais, à legalização dos sindicatos.

Antes da Conferência entrar na ordem dos trabalhos foram aprovados por unanimidade protestos contra a presença dos representantes da imprensa comunista, «Le Señal» e «Treball» especialmente, por na última reunião tem torpedeado a verdade e caluniado vários camaradas. Uma grande parte da Conferência optou pela sua escorção do local, mas o espirito de tolerância da maioria, consentiu que assistissem.

Com a celebração desta Conferência a Confederação Regional encheu mais uma página de glória na história do seu movimento. A C. N. T. e todo o proletariado espanhol que a constitui, pode ter confiança

nos militantes da Catalunha, por se fazerem cargo do Comité Nacional e pelo respeito dos princípios ideológicos da Confederação.

Na Conferência dos sindicatos da região Andaluza, fizeram-se representar mais de 100.000 trabalhadores por intermédio de 87 delegações. Na Conferência regional galaica fizeram-se representar 33 delegados que representavam um total aproximado de 50.000 trabalhadores.

Só as três regionais mencionadas, representam um total de 210.000 trabalhadores. Não temos a mão os relatos da Conferência regional de Levante, mas calculamos que o número dos filiados afectos aquela regional não é inferior a sessenta mil trabalhadores.

Resta-nos dados das regiões Norte, Viscaya, Aragon e Rioja, Navarra, ambas Castillas, Estremadura, etc. cujas regionais ainda não estão totalmente reorganizadas. Mas podemos assegurar à C. N. T. um número aproximado a 500.000 aderentes. Se não fossem os obstáculos que as autoridades criam à legalização dos sindicatos da C. N. T., de comum acordo com os famigerados do U. G. T., certamente que a C. N. T. durante o curto período de seis meses que funciona legalmente, já teria alcançado a cifra aproximada de 1 milhão de trabalhadores.

Enquanto que a U. G. T., segundo a estatística dos seus aderentes publicada num número de *El Sol*, não ultrapassa os 200.000. Agora temos a contar a deserção em massa de fortes núcleos de trabalhadores da reaccionaria U. J. T., que vieram engrossar as filas da C. N. T.

O povo trabalhador de Espanha, está com a C. N. T. porque é o único organismo revolucionário de tendências definidas, que luta pela verdadeira emancipação. Os processos de luta da C. N. T., são os que melhor se harmonizam com as necessidades da época presente.

F. R.

A emigração

(Continuação da página central)

a emigração: foi obrigado a pôr de parte as medidas que anteriormente adoptara.

De resto, não se compreende que de forma tão ingénua se procure impedir a emigração. Se ela é uma consequência da crise económica — e esta prende-se ainda com problemas mais complexos: credito e previsão social, os quais ainda dependem desse problema fundamental: a questão social — e de factores de ordem histórica que se tornaram em psicológicos e, portanto, em problema de educação, indicado está que, resolutamente, se procure eliminar o efeito pelo desaparecimento das causas.

Tudo quanto seja apontado, como solução, e não seja consequência de estudo que abranja. Estes factores fundamentais, será remar contra a maré, se for honesto esse estudo. Se o não for — e na maioria dos casos assim sucede — só nos pôde merecer combate que vise o apeamento das individualidades que o façam, do pedestal a que a ignorância popular e o elogio mútuo os elevaram.

João do Ou teiro

VIDA SINDICAL

Comissão Inter-Federal

Reuniu a Comissão Inter-Federal, tendo apreciado a seguinte correspondência: da Associação de Classe dos Caixeiros de Leiria, comunicando que, se tinham associado correspondendo ao pedido desta Comissão ao movimento de protesto a favor dos operários mineiros de S. Domingos e Aljustrel; de Aljerrarede dando informações sobre a organização rural no Alto Alentejo; da Mina de S. Domingos comunicando, o que ali se tem passado ultimamente; e de Vilo Rial de Santo António.

Tomou conhecimento da sessão realizada nesta última localidade para a constituição dum sindicato mixto, sessão que decorreu bastante agitada, em virtude do aparecimento na mesma dum político comunista não operário, que perturbou os seus trabalhos, conseguindo com os seus maneios ludibriar o proletariado, desviando-o do verdadeiro caminho da sua emancipação.

Sindicato Unico dos Operários da Construção Civil de Lisboa

Secção Profissional dos Mecânicos em Madeira. — Tendo-se verificado há muito tempo a falta desta secção, e demais no presente momento em que é necessária a união de todas as secções que compõem a Indústria, por intermédio do respectivo sindicato, de acordo com alguns camaradas mecânicos, que também sentiam essa falta, resolveu-se levar à prática uma sessão magna destes camaradas, para a qual foi distribuído, aos camaradas em questão, uma circular na qual se convidavam todos os mecânicos em madeira a assistirem a uma sessão magna a realizar no dia 12 do corrente pelas 21 horas na sede provisória do Sindicato, Travessa da Agua de Flor n.º 16.

De facto no dia e hora marcada, compareceram vários camaradas, tendo o secretário do sindicato aberto a sessão, fazendo uma pequena palestra sobre os motivos da sessão, na qual disse aos camaradas presentes, que não deviam desanimar, porquanto as iniciativas partem das pequenas minorias conscientes, e, como os presentes têm grande interesse em ver constituída a sua secção profissional, entende que devem nomear a comissão reorganizadora da secção, que procuraria dentro do mais curto espaço de tempo, levar à prática uma nova sessão para a qual se fará a distribuição dum pequeno manifesto convite.

Tendo todos os presentes concordado com as palavras proferidas, indicaram para a comissão reorganizadora, os seguintes camaradas: Alberto Mór, José Piedade, José de Jesus, Joaquim Lima, Gabriel de Vasconcelos, António Marques e Cristiano Gomes.

Estes camaradas tomaram logo posse do cargo para que foram nomeados, ao mesmo tempo que tomaram conta das várias propostas de novos sócios, resolvendo que a sua primeira reunião se efectue na 6.ª feira 14 do corrente, pelas 21 horas, para resolverem vários assuntos de interesse para a classe.

Foi uma bela iniciativa, e oxalá que tenha o desenvolvimento que todos o desejamos.

Camaradas Mecânicos em Madeira ingressai na vossa secção profissional, dando-lhe assim aquela força que tão necessária é para o robustecimento da organização operária, sem a qual nada conseguiremos de benéfico, para atenuar a deprimente situação económica que presentemente atravessamos.

“Vanguarda Operária”

Por circunstâncias imperiosas o nosso colega e porta-voz da organização operária no Norte — *Vanguarda Operária* — não saiu a semana passada, suspendendo, ao que parece, por tempo indeterminado. Tanto pode aparecer, já, esta semana, como em qualquer das semanas que se vão seguir.

Desejamos ao nosso querido colega o seu pronto restabelecimento no campo da luta, onde todos somos necessários,

CONFRONTOS

A sociedade anárquica e a sociedade capitalista

(Continuação da 3.ª página)

¿ Como poderá o homem considerar-se superior a todas as restantes espécies zoológicas se Justiça e Liberdade consistem: a condição essencial dessa superioridade, e a única latitude em que a vida humana pode livre e incondicionalmente desenvolver-se em todas as múltiplas manifestações?

Os vendedores de filosofia, assalariados de uma sociedade que só ama e venera o deus Ouro arrancado na mina do sofrimento dos escravos esfarrapados e famintos a ela sacrificados, como pasto do estômago de quadrúpede de insaciável voragem, filantropos de silex, cientistas de encéfalo alagado, moralistas-juristas-prudentes de lei amada entre o tudo para uns e o nada para outros... sustentam, afinal, que as leis da vida dos que trabalham são diferentes das da vida dos que gosam na ociosidade, no que fundamentam a consequência e lógica existência de dois direitos perfeitamente harmonizados com essa dualidade inconcebível!!

Vós, trabalhadores, não sois catedráticos, nem cientistas, nem filósofos, mas compreendeis o absurdo... do Divino e do Direito que aos vossos exploradores dão a alegria e o prazer e a vós vos obrigam ao sacrifício insuportável que representa a vossa vida tão conflagrada, tão desumana, toda miséria e dor... só miséria, só tristeza, só dor, só desolação!... Só uma explicação tem o convencional absurdo: o Capital. O monstro quer viver, viver... E como a vida dele resulta do vosso sacrifício, ele devorará sempre, com avides, enquanto existir, toda a felicidade de todos os que trabalham, aos quais está assegurado o direito de consumo do último resíduo das digestões do monstro...

O vosso caminho, trabalhadores, é para a sociedade futura, para a sociedade livre — para a sociedade anárquica. Que para ela vos prepareis e para ela caminhais, é o que urge, é o que a vossa consciência impõe a vossa condição de homens — é o maior e mais activo, o mais justo e mais nobre dever que tendes a cumprir.

Em vez dela e em nome da felicidade de todos os seres humanos que povoam o Globo, um grandioso dever se impõe a todo o idealista consciente, coerente e abnegado, e a todos os trabalhadores do mundo inteiro: o máximo de esforço possível pela conquista da Justiça e da Liberdade — que só poderemos plenamente usufruir na sociedade anárquica, única em que não haverá ricos nem pobres, nem força nem deuses e na qual as sciencias químico-mecânicas deixarão de ser o Estado Maior da Morte ao serviço do Capital!

Correia de Sousa

CRÓNICA

(Continuação da 1.ª página)

uma conclusão que possa aplicar. Isto quer dizer — e é possível que, também, erremos que o valor das ideias está nas ideias realizáveis que originam.

A maneira que o autor preferiu, nessa parte para tratar os assuntos estava certa, quando os homens eram impulsivados por gritos, por gestos pelo exterior e pelo impulso. Hoje não. Há mais análise. O que leva à actividade tem hoje uma natureza diferente da que tinha há anos.

Porque não empregou a mesma maneira da primeira parte? O leitor ali encontra logo no seu espirito a imagem duma ideia e associa-a à vida. Na terceira parte não. Se encontra para a ideia a imagem, não consegue casá-la com a vida. É isso o que devia evitar.

C. F.

GRALHAS

Entre muitas outras gralhas — algumas até de certa importância, mas que demoraria apontar — figura, em ante-título, esta: *Em Alembala de Baixo*. Ora não é nada disso. O que desejávamos que fosse era «Alcubela de Baixo» povoação próxima de Arruda dos Vinhos. Isto para que se não continue a supor ser a notícia duma localidade com aquele nome que, afinal, nem sabemos se existe.